



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS-CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ROMENYCK STIFFEN BARBOSA DA SILVA

**FIOS, NÓS, REDES E MALHAS:
A FEIRA DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE**

CAMPINA GRANDE-PB

2012

ROMENYCK STIFFEN BARBOSA DA SILVA¹

**FIOS, NÓS, REDES E MALHAS:
A FEIRA DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora:
Ms. Maria José Silva Oliveira

CAMPINA GRANDE – PB
2012

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em História – UEPB

romenyckstiffen@hotmail.com

S586f Silva, Romenyck Stiffen Barbosa da.
Fios, nós, redes e malhas [manuscrito] : a feira de Santa Cruz
do Capibaribe-PE / Romenyck Stiffen Barbosa da Silva. – 2012.

37 f. : il. color.

Digitado.

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2012.**

“Orientação: Prof.^a Ma. Maria José Silva Oliveira,
Departamento de História”.

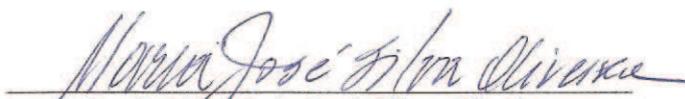
1. História - Santa Cruz do Capibaribe/PE. 2. Comércio –
Desenvolvimento. 3. Feira da Sulanca. I. Título.

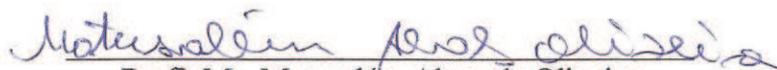
ROMENYCK STIFFEN BARBOSA DA SILVA

**FIOS, NÓS, REDES E MALHAS:
A FEIRA DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para a obtenção do
grau de Licenciatura Plena em História.

Aprovado em 27/11/2012.


Prof.^a Ms. Maria José Silva Oliveira
Orientadora


Prof.^o Ms. Matusalém Alves de Oliveira
Examinador


Prof.^o Ms. Maria Giseuda Nascimento Limeira
Examinadora

DEDICATORIA

Ao meu pai, Cícero Barbosa da Silva, pela dedicação, companheirismo e amizade, responsável maior por minha formação moral e intelectual DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus que mesmo sem eu merecer, nunca me desampara e sempre me dá forças para seguir em frente.

Aos meus pais, Cícero Barbosa e Josefa Enia (em memória) e minha madrastra Francinete Ferreira que sempre me incentivaram e acreditaram em mim.

A minha esposa Taciana Araújo companheira de todas as horas, e meu filho Thiago fruto de nossa união.

Aos familiares e em especial meu irmão Melquizedeque que demonstram um grande carinho por mim e nunca duvidaram da minha capacidade.

A minha orientadora Maria José Silva Oliveira que com sua paciência e dedicação demonstrou um grande interesse em meu trabalho e acreditou em mim, sempre com palavras positivas.

Aos meus colegas de turma pelo incentivo e em especial a Gilson Julião e Mario Melo que me ajudaram na realização deste trabalho e as amigas Elaine e Vaniara.

A todos os professores que contribuíram com o meu aprendizado durante os cinco anos do curso.

A todos que acreditam e torcem por meu sucesso.

A linha e o linho

É a sua vida que eu quero bordar na minha
Como se eu fosse o pano e você fosse a linha
E a agulha do real nas mãos da fantasia
Fosse bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia

Gilberto Gil

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo da feira de confecções – “Sulanca” – de Santa Cruz do Capibaribe – PE, e sua importância para o desenvolvimento econômico da cidade, observando também a estética urbana do município. Este trabalho está inserido na linha de pesquisa da História Cultural, por ser a feira um dos elementos de troca e de relações de sociabilidade desde a antiguidade até os dias atuais. Na metodologia utilizamos fontes orais, na preocupação de dar visibilidade aos sujeitos que antes não tinham voz, e que durante muito tempo foram marginalizados pela história, embasado nos conceitos de CHARTIER e BURKE, nas suas teses de representações e LE GOFF, que na sua visão a cidade surgiu como um espaço de cobiça, tendo como ideal um local, belo e rico. Além das fontes orais utilizamos outras fontes: bibliográficas, audiovisual e documentos oficiais que abordam o tema, contribuindo com nosso tema.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Feira. “Sulanca”. Desenvolvimento.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FOTO 1 –	Banda Musical Novo Século em encontro com a Banda musical de Barra de São Miguel da Paraíba na década de 10 do século XX	18
FOTO 2 –	Primeiro motor gerador de energia da cidade – 1923	18
FOTO 3 –	Fábrica de desfibrar Caroá do Coronel Luiz Alves – 1930	18
FOTO 4 –	Feira livre da vila de Santa Cruz – 1918	19
FOTO 5 –	Venda dos primeiros produtos da Sulanca – Década de 70	26
FOTO 6 –	Antiga feira da Sulanca: Avenida Raimundo Francelino Aragão – 2001	30
FOTO 7 –	Ruas de Santa Cruz do Capibaribe-PE após a feira da sulanca – 2004	31
FOTO 8 –	Moda Center Santa Cruz – 2008	32

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Bairros que surgiram após a emancipação	32
---	-----------

LISTA DE SIGLAS

CHESF	Companhia Hidroelétrica do São Francisco
CIRETRAN	Circunscrição Regional de Trânsito
FIDEPE	Fundação de Informações para o Desenvolvimento de Pernambuco
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO	13
II CAPÍTULO	
CIDADE: A GRANDE MORADA DO HOMEM	14
2.1 – cidade das trocas: Santa Cruz do Capibaribe	15
2.2 – fios, nós, malhas e redes: tecendo o desenvolvimento	20
III CAPÍTULO	
O COMÉRCIO E A CIDADE	22
IV CAPÍTULO	
A FEIRA CRESCE A CIDADE	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

I – INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado tem origem em algumas inquietações sobre o desenvolvimento do comércio da feira – “Sulanca” – de confecções em detrimento do desenvolvimento urbano da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, no agreste Pernambucano.

Este foi construído a partir de uma abordagem da Nova História Cultural a qual nos possibilitou uma visão mais ampla e insinuante sobre o tema proposto. Segundo Pesavento (2008, p.69), “a construção da história é como uma narrativa que constrói uma representação sobre o passado, e que se desdobra nos estudos da produção e recepção de textos”.

Seguindo também o pensamento de Le Goff (1988), entendemos a Nova História como uma história plural, que pode ser estudada com novas abordagens, novos objetos e novos problemas, dentro desse contexto se dá o nosso objeto de estudo.

Nesse sentido, fazemos uma discussão sobre a história da cidade através de seu comércio de confecção, buscando entender como este fomentou o desenvolvimento econômico do município gerando o “inchaço” urbano de Santa Cruz do Capibaribe. Analisamos também o seu imaginário urbano, com base em Le Goff (1998), pois entendemos a cidade como um lugar de sociabilidades, lugar de diálogos, representações de poder, aspiração de beleza, cobiça e orgulho.

Discutimos ainda neste trabalho a importância da economia para formação de Santa Cruz do Capibaribe, pois acreditamos assim como Diniz (2009), que o comércio enquanto atividade econômica foi responsável durante séculos pela formação de inúmeros núcleos urbanos que nasceram e cresceram ao longo das rotas comerciais.

Seguindo outro estudioso da história econômica das cidades Pereira (2004), entendemos o “crescimento” da cidade relacionado a seu comércio, na medida em que a economia cresce, cresceu os problemas urbanos. Em outro ponto, analisamos as gestões e gestores do município de Santa Cruz, privilegiando o desenvolvimento do comércio em detrimento à infra-estrutura da cidade.

Na realização do trabalho foram utilizadas outras fontes de pesquisa: bibliográficas, imagens fotográficas, audiovisual e fontes orais concedidas para o desenvolvimento do presente estudo.

O segundo capítulo traz uma reflexão sobre os conceitos de cidade embasados em autores que trabalham com o tema; no terceiro capítulo fazemos uma síntese sobre o conceito de comércio narrando como essa atividade econômica vem caminhando com o homem ao longo da história; o quarto e último capítulo analisa a feira de confecções (“Sulanca”) de

Santa Cruz do Capibaribe – PE, privilegiando o estudo do crescimento econômico e o não-planejamento da cidade – “inchaço urbano” –, termo utilizado no cotidiano dos habitantes de Santa Cruz do Capibaribe.

II CAPÍTULO

CIDADE: A GRANDE MORADA DO HOMEM

Ao longo do tempo, a “cidade” assumiu formas e características diferentes, mas é possível analisar em linhas gerais a sua evolução. As primeiras cidades surgiram entre 3500 e 3000 a. C., nos vales dos rios Nilo, Tigre no Egito e na Mesopotâmia. O desenvolvimento da agricultura irrigada nas planícies desses grandes rios foi um dos fatores preponderante para fundação das cidades no Oriente Próximo. Outro fator que impulsionou o desenvolvimento das cidades foi à descoberta e o uso do bronze (metal conseguido a partir da mistura do cobre e do estanho), que substituiu definitivamente a pedra na manufatura dos artefatos: armas, ferramentas e utensílios domésticos.

Já no Ocidente uma das cidades que mais se destacaram na Grécia foi Atenas, considerada cidade do diálogo e do encontro dos cidadãos nas assembléias políticas, nos eventos esportivos, culturais e religiosos realizados no Partenon.

Mas a cidade concentra também os prazeres, as festas, os diálogos nas ruas, nas tabernas, nas escolas, nas igrejas e mesmo nos cemitérios. Uma concentração de criatividade de que é testemunha a jovem universidade que adquire rapidamente poder e prestígio na falta de uma plena autonomia. (LE GOFF, 1998, p.25).

Diferentemente da Grécia, Roma foi o centro de um império multirracial, militarista e escravista expressão de uma cultura da violência, representada por espetáculos de gladiadores. Para muitos historiadores, após a queda do Império Romano, as cidades perderam sua vitalidade com advento do feudalismo, ressurgindo apenas no século X em decorrência do reaquecimento do comércio. A cidade tornou-se, sobretudo, um centro de trocas comerciais. Para Le Goff (1998), há mais semelhanças entre a cidade contemporânea e a medieval do que esta última com a cidade antiga. É possível imaginar uma cidade da Idade Média que, ao substituir os muros que a cercam pela periferia, o resultado seria uma cidade contemporânea.

A cidade surgiu como um espaço de cobiça, tendo como ideal um local belo e rico, onde haveria uma convivência harmoniosa entre as classes, em busca de um bem comum e na Idade Média, suas muralhas aspiram segurança. O cidadão (termo utilizado principalmente

até o século XII para as pessoas que viviam nas cidades, até então denominadas de “civitas” ou “cité”), “[...] via como uma das virtudes da cidade ter um lugar fixo, uma casa, por mais que diversas ocasiões se desdobrassem para manter a mesma, em detrimento do campo, onde o camponês pode a qualquer momento perder sua terra” (LE GOFF, 1998, p.55).

As cidades do século X cresceram em importância, principalmente pelo surgimento de uma classe emergente, a burguesia, que almejava a centralização, organização e igualdade do “poder”, dos tributos e das leis. As cidades evoluíram neste contexto, “como uma revolução”, palco de cobiça até os dias atuais, na sua aparência a cidade tornou-se palco de homens livres e iguais, ainda que na essência venha sendo demonstrado que essa igualdade está longe deste ideal.

Para tornar a “cidade ideal”, o governante que almejasse ter um bom governo, deveria intervir através de regulamentações para estabelecer a ordem necessária, no intuito de cuidar não apenas da comodidade e bem-estar da população, mas também da beleza das cidades, onde a estética e higiene seriam fatores fundamentais no progresso urbano. Como aponta Le Goff (1998) “os regulamentos de higiene e urbanismo se multiplicam nas cidades a partir do século XII”. Para o desenvolvimento de um bom comércio e atrair clientes e profissionais seria necessário a concessão de privilégios dados pelos governantes. Verificamos que o desenvolvimento da cidade influenciou diretamente no comportamento sociocultural da sociedade.

A cidade desde a sua origem aspira utopicamente a organização de seus espaços e segurança de seus habitantes, no entanto o crescimento desordenado e a insegurança se multiplicam. As cidades inovam em todas as áreas, aspiram à beleza, reinventam o urbanismo criando um imaginário de uma cidade ideal. É nesse contexto e com esses elementos que observaremos a cidade de Santa Cruz do Capibaribe.

2.1 – cidade das trocas: Santa Cruz do Capibaribe

O município de Santa Cruz do Capibaribe, localizado no Estado de Pernambuco, é a terceira maior cidade do agreste em população, com 87.582 habitantes (IBGE 2010), esse rápido crescimento populacional chama atenção, pois em pouco mais de 50 anos, houve um aumento significativo no número de habitantes. Fato comprovado que na década de 50, mais precisamente em 1953, ano de sua emancipação política, a cidade contava com cerca de

3.250² habitantes. Tal fenômeno populacional ocorreu em função do desenvolvimento do comércio e do setor industrial ocorridos na cidade, provocando migrações de outras regiões do país, de outras cidades e da zona rural do próprio município.

Santa Cruz do Capibaribe juntamente com as cidades de Toritama e Caruaru, formam o Pólo de Confeções do Agreste³, considerada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), a maior produtora de confeções do Estado, conhecida como a “Capital da Sulanca” ou “Capital das Confeções” e principal ponto de exportação e venda de confeções de Pernambuco. A cidade inaugurou em 2006, um centro de comercialização das confeções produzidas no município: Moda Center Santa Cruz.

Para entender o surgimento de Santa Cruz do Capibaribe tem sido um desafio, em virtude da escassez de fontes oficiais sobre essa região. Mas, diferente dos historiadores metódicos do século XIX, ditos positivistas, que buscavam narrar os fatos como realmente aconteceram e que se negavam a utilização de outras fontes senão as escritas e expedidas pelos órgãos oficiais (REIS, 2006), nosso trabalho buscou a sua fundamentação a partir da associação dessas fontes oficiais e orais, quando possível.

A metodologia utilizada no trabalho tem influência da História Cultural, não só por utilizar os documentos oficiais e fontes orais, mas por também nos preocuparmos em dar visibilidade àquilo que é tido como comum, e que durante muito tempo foi marginalizado pela história (BURKE, 1970).

Com essa análise abordamos o surgimento de Santa Cruz do Capibaribe em meados do século XVIII, apesar de não haver uma comprovação historicamente escrita, baseada em documentos ou cartas, a oralidade nos leva a Antônio Burgos, homem de origem portuguesa que vivia em Recife, capital da província de Pernambuco. Tomando por base as fontes orais, Antônio Burgos teria adoecido, apesar de não ser relatada qual a doença, e teria sido aconselhado pelos médicos a procurar um local de clima mais ameno (seco). O português, acompanhado de seus escravos, teria saído da capital margeando o rio Capibaribe até chegar às terras que hoje localiza-se a cidade de Santa Cruz do Capibaribe, teria gostado do clima e logo tratou de se fixar no lugar.

O nome Santa Cruz supostamente teria se originado da grande cruz de madeira que teria sido colocada em frente à capela construída próximo a sua casa, a partir da qual teve início o povoamento. Não se sabe ao certo quanto tempo o lusitano viveu na região. Relata-se que o mesmo desapareceu deixando a choupana e a capela com o crucifixo.

² Dados retirados do Anuário Estatístico de Pernambuco. FIDEPE. Recife, 1980.

³ Compreende diversas cidades, com destaque para Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama.

Com a suposta morte de Antônio Burgos, até o surgimento dos primeiros habitantes e fazendeiros que chegaram as terras de Santa Cruz do Capibaribe, há um longo período de tempo que ficou obscuro na história da cidade e no esclarecimento da formação da mesma.

Contudo, se ignorarmos os novos métodos de pesquisa e nos pegarmos tão somente aos registros e documentos, a cidade teria surgido como tantas outras do interior brasileiro, principalmente no nordeste, a partir das grandes fazendas.

Se adentrarmos neste contexto, Santa Cruz do Capibaribe surgiu a partir da fazenda Santa Cruz, pertencente ao alferes José Francisco Cordeiro de Arruda (patriarca da tradicional família Arruda). A fazenda era localizada onde hoje se encontra a Avenida Padre Zuzinha, marco zero da cidade, e o território pertenciam ao município de Taquaritinga do Norte, em Pernambuco. Na década de 60 do século XIX, o alferes teria vendido a propriedade a Antônio Francisco Aragão (patriarca da tradicional família Aragão). A partir daí, aos redores da fazenda começaria a surgir um pequeno povoado, formado principalmente pelos familiares dos funcionários da fazenda.

José Francisco Cordeiro teria doado à Igreja Católica 130 braças de terra, que foram úteis na década de 70 do século XIX, para passagem missionária do Padre José Antônio Pereira Ibiapina na região. Padre Ibiapina, como ficou conhecido nacionalmente aos 47 anos de idade iniciou uma obra missionária, visitando varias regiões do Nordeste, erguendo inúmeras casas de caridade, igrejas, capelas, cemitérios, cacimbas d'água, açudes e outras obras em diversas cidades do interior. O zelo apostólico do Padre no povoado de Santa Cruz do Capibaribe não foi diferente, com a ajuda do povo, construiu a igreja, o símbolo da fé, o açude da caridade, símbolo da esperança para uma comunidade que a seca castigava desde década de 60 do século XIX, e um cemitério, pois, “o cristianismo urbaniza os mortos” (LE GOFF, 1998, p.11).

As construções surgiram como atrativo para aumentar a população do pequeno povoado, na década de 80 do século XIX houve o início das construções dos primeiros sobrados, esses elementos e o crescimento da população levaram o povoado de Santa Cruz à categoria de Vila e 2º Distrito do Município de Taquaritinga do Norte – PE, em 1892.

A vila de Santa Cruz, apesar de não ser uma cidade de fato, seria um lugar de sociabilidade que, desde povoado levaram à construção do cemitério, açude, capela e confirmada pelos modernos meio de comunicação do período, como os telégrafos, e que em fins do século XIX, pelas pessoas que chegaram para fixar moradia na vila e consigo trouxeram os primeiros instrumentos musicais, a sociabilidade dessas pessoas levaram à

fundação de uma das primeiras bandas de música da região em 4 de outubro de 1900, a atual Sociedade Musical Novo Século.



Foto 01: Banda Musical Novo Século em encontro com a Banda musical de Barra de São Miguel da Paraíba na década de 10 do século XX

Afastada da rodovia tronco que se desenvolve para o Sertão, Santa Cruz do Capibaribe caminhou a passos lentos para a sua grande conquista em se tornar cidade, isso por falta de interesse dos políticos da sede para que a mesma se emancipasse. Mesmo assim, a partir do início do século XX as principais famílias da vila a preparavam para ser tornar uma cidade através de sua emancipação.

O Coronel Luiz Alves, que chegou a vila em 1911, pode ser considerado uma das pessoas que contribuíram para o desenvolvimento da vila. Junto ao povo, o mesmo idealizou e construiu, em 1921, a estrada que ligaria Santa Cruz do Capibaribe a sede, Taquaritinga do Norte. Em 1923 trouxe o primeiro motor gerador de energia elétrica para Santa Cruz do Capibaribe, iluminando as poucas ruas da vila. Em 1930, construiu a Fábrica de Desfibrar Caroá. Com esse empreendimento a pequena vila foi ganhando ares de modernidade.

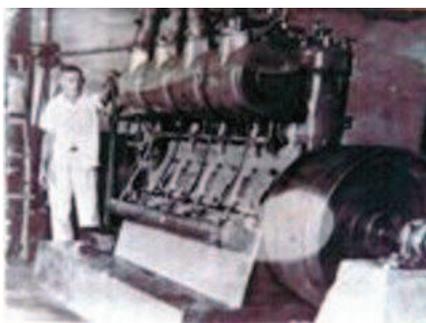


Foto 02: Primeiro motor gerador de energia da cidade – 1923



Foto 03: Fábrica de desfibrar Caroá do Coronel Luiz Alves – 1930

Devido a sua localização no semi-árido pernambucano, as chuvas irregulares e escassas, fizeram com que a agricultura não se tornasse a principal atividade econômica, forçando a população a buscar outras alternativas para sua sobrevivência. Um exemplo foi o desenvolvimento do comércio através da sua tradicional feira livre, impulsionando a comercialização dos mais diversos produtos que, muitas vezes eram comercializados em forma de escambo. É possível ainda citar as pequenas bodegas, e a fabricação de alparcatas, atividade que logo foi substituída na década de 40 pela confecção de roupas, que deu grande respaldo econômico para a cidade, e será abordado com mais profundidade no terceiro capítulo.



Foto 04: Feira livre da vila de Santa Cruz - 1918

Apesar da resistência dos políticos de Taquaritinga do Norte, não foi possível resistir ao crescimento e desenvolvimento da vila que teve sua emancipação política reconhecida em 29 de dezembro de 1953, promulgada pela lei estadual nº 1.818, sancionada pelo então governador do Estado Etelvino Lins de Albuquerque.

Desde a sua instalação, o município compõe-se de sede e dois distritos, Pará e Poço Fundo. O município limita-se ao norte com a Barra de São Miguel, na Paraíba, ao sul com o Brejo da Madre Deus, em Pernambuco; ao leste com Taquaritinga do Norte, em Pernambuco e a oeste com Jataúba (Pernambuco) e São João do Cariri (Paraíba).

A partir da década de 50, surgiu a feira livre junto a elementos modernizantes da vila, relacionados ao discurso desenvolvimentista no âmbito nacional com o Presidente Juscelino Kubitschek. Os primeiros governantes da cidade e a população almejavam o crescimento e o desenvolvimento da mesma, por conta da projeção da feira no decorrer dos anos, exigindo assim obras estruturadoras podendo principalmente desenvolver a estética urbana da cidade.

O crescimento da feira livre junto a elementos modernizantes da vila, relacionado com o discurso desenvolvimentista no âmbito nacional do Presidente Juscelino Kubitschek, os primeiros governantes da cidade e a população seguindo esse discurso almejavam o crescimento e o desenvolvimento da cidade, por conta da projeção da feira no decorrer dos anos, exigindo assim obras estruturadoras podendo principalmente desenvolver a estética urbana da cidade. Pois, como já tínhamos abordado anteriormente, para atrair um bom comércio, clientes e profissionais deveriam receber privilégios.

2.2 – fios, nós, malhas e redes: tecendo o desenvolvimento

Para um melhor entendimento da importância da feira de confecções para o desenvolvimento da cidade, na economia e na estética do município, se faz necessário entendermos a relação existente entre a cidade e feira através do que representa os fios, nós, malhas e redes, os seus significados que contribuíram para essa relação. Para essa compreensão utilizaremos os recursos da semiótica, segundo Lucia Santaella (2003), a semiótica é uma ciência que tem por objeto a investigação todas as linguagens possíveis, o exame do modo de constituição de todo e qualquer fenômeno, como fenômeno de produção significação e sentido.

Abordando os fios, não apenas a fibra fina e delgada, que por alguns centímetros de longitude se entrelaçam e tecem os materiais têxteis, a exemplo do tecido utilizado desde início para confecção de colcha de retalho até as confecções atuais: camisas, shorts, saia..., nem como o fio ou linha de costura, que serve para costurar os produtos citados.

Mais o fio que tecem o surgimento da sulanca como uma atividade familiar, abordada por Augustinho Rufino no documentário “Sulanca” (1986), onde a relação familiar era de fundamental importância, pois a mesma teve sua origem com as famílias tradicionais da cidade, que através dos patriarcas começaram a trazer os retalhos de helanca Camaragibe, Olinda e Recife (PE), e que foram confeccionadas de início pelas próprias esposas. As peças eram vendidas nas calçadas, iniciando posteriormente, uma pequena feira.

E quanto aos nós estes não seriam apenas os das confecções de uma rede, a qual sem nó não teria sustentação. Mas sim, nos nós firmados pelas pessoas ou entre as famílias e nas negociações da matéria prima, a exemplo de Fernando Silvestre, conhecido por Noronha⁴, que

⁴ Comerciante que impulsionou com seus investimentos a sulanca no município.

na década de 50, visualizando a possibilidade de expansão da atividade, investiu na revenda de tecido trazido da região sul.

No entanto, podemos apontar ainda como nó a relação entre o confeccionista e o cliente, quando do início da comercialização do mercadoria da sulanca como escambo, ou posteriormente, quando os clientes vindos de outras localidades do estado de Pernambuco ou até mesmo de outros estados encontravam em Santa Cruz facilidades e boas relações comerciais e produtos a baixo custo.

Analizamos como malha não apenas as que foram tecidas pelos fios de fibras e utilizadas para confecção de camisas, shorts, saia... que são comercializadas na feira da cidade. Apontamos como malhas aquelas construídas por influência da relação dos fios familiares e dos nós comerciais que fez expandir a sulanca da cidade e surgir o pólo de confecções do Agreste de Pernambuco, composto por Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru, que individualmente apontam taxas de desenvolvimento econômico superior ao do país (SEBRAE, 2003).

As redes que serão abordadas não são apenas aquelas confeccionadas a partir dos nós, sem os quais não teriam sustentação. Mas, as redes geradas graças aos nós comerciais que advêm da comercialização da matéria prima cuja boa parte era adquirida fora da cidade, atualmente a matéria prima passou a ser fornecida também pelo polo de confecção. As confecções passaram a ter maior qualidade e aumentando em sua produção e comercialização para todo o país e até para no mercado internacional.

Se acompanharmos a evolução da confecção de Santa cruz do Capibaribe desde inicio na década de 50 até os dias atuais, foi um processo continuo de inovação nós começamos com a coberta aquela peça têxtil rudimentar de retalhos emendados e hoje temos aqui fabricas fornecendo pra grandes redes de shopping Center do país inteiro, isso a 20 ou 30 anos atrás era impensável e hoje não, a mesma é uma realidade. (PEREIRA, 2004, p.31)

Na junção de fios, nós, malhas e redes, constatamos o desenvolvimento da economia de Santa Cruz do Capibaribe e dentro dessa trama analisaremos a formação econômica, social, cultural e urbana do município.

III CAPÍTULO

O COMÉRCIO E A CIDADE

“O comércio, atividade econômica de origem milenar, sempre desempenhou um papel importante na formação e no desenvolvimento das primeiras sociedades urbanas.” (DINIZ, 2009, p.20).

A partir da citação de Diniz, analisaremos a importância da atividade comercial para a formação da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, pois como abordamos anteriormente, ao longo do tempo a cidade assumiu formas e características diferentes, e o comércio foi um dos fatores que contribuíram para a formação e urbanização de diversas sociedades e “na cidade o mercado encontra um lugar permanente” (MUNFORD, 1991 *apud* DINIZ, 2009).

E com o advento do capitalismo, o comércio enquanto atividade econômica foi responsável durante séculos pela formação de inúmeros núcleos urbanos que nasceram e cresceram ao longo das rotas comerciais, impulsionando as grandes transformações espaciais das cidades, tornando-as espaços políticos, econômicos e culturais.

Com a pequena vila de Santa Cruz não foi diferente da maioria das cidades brasileiras, o seu desenvolvimento econômico se deu também a partir do comércio. Em 1903, a pequena vila de Santa Cruz contava praticamente com uma rua (Pereira, 2003), a chamada Rua Grande, atualmente Avenida Padre Zuzinha. Com a formação dessa rua, começou a surgir o comércio através de uma feira livre, impulsionando a comercialização dos mais diversos produtos, que muitas vezes eram comercializados em forma de escambo.

Com a expansão da feira, foi dado início a abertura de pequenas casas de comércio de secos e molhados (as chamadas bodegas), nesses estabelecimentos se vendia mercadorias de todas as espécies. Como podemos analisar, na música Nossa História (Santa Cruz do Capibaribe):

Com a rua já formada,
Nasceu comércio e a feira,
Zé Moraes major negrinho,
Abrem lojas na ribeira,
Rapadura, sal de pedra,
Farinha e macaxeira,
Feijão, milho, bode e fruta
Na sombra da gameleira
(José Augusto Maia, 1991)

Na década de 30, inicia a produção de calçados, parte da população se dedicava à fabricação de alparcatas de couro pouco beneficiado, feita de modo artesanal, onde cada operário ganhava por sua produção final. Sendo “uma das opções que os santa-cruzenses buscaram para sobreviver fora da incerteza das lides agrárias” (FEITOSA, 2007, p.?).

O ciclo da sulanca em Santa Cruz do Capibaribe teve seu início na década de 40, quando as peças eram comercializadas em meio à tradicional feira livre da cidade nas segundas-feiras, onde eram comercializados os mais diversos produtos.

A senhora Geralda Marques, apontada como uma das pioneiras do ramo da sulanca, em entrevista ao documentário “Sulanca”, abordou que a sulanca era comercializada como escambo, trocadas as colchas de retalhos e outras mercadorias por galinhas, ovos, queijo, com os chamados “gaioleiros” que levavam as cobertas para sertão e lá comercializava o produto.

Não se sabe ao certo quem foi o pioneiro da ideia, mas a oralidade narra que as tradicionais famílias Diniz e Moraes seriam as pioneiras, através dos patriarcas Pedro Diniz e Dedé Moraes, que começaram a trazer os retalhos de helanca de Camaragibe, Olinda e Recife (PE), e peças eram confeccionadas de início pelas próprias esposas e vendidas nas calçadas, como destacamos anteriormente, surgindo assim uma pequena feira.

O comércio foi se desenvolvendo e ganhando proporção cada vez maior, fazendo com que a economia da cidade se tornasse conhecida. Pessoas motivadas pela ânsia de fazer bons negócios vieram para a cidade em busca da sulanca, que proporcionava um retorno financeiro imediato a quem a confeccionasse.

Esses tipos de investimentos relatados contribuíram para a formação do desenvolvimento econômico, político, social e cultural da vila de Santa Cruz que se desenvolvia mais que a sua sede a cidade de Taquaritinga do Norte –PE. Apesar da resistência dos políticos de Taquaritinga do Norte, “de olho grande” principalmente nos tributos de Santa Cruz, não foi possível resistir ao crescimento e desenvolvimento de uma vila que crescia mais que a própria sede, fazendo com que o município tivesse sua emancipação política reconhecida em 29 de dezembro de 1953.

IV CAPÍTULO

A FEIRA CRESCE A CIDADE

A cidade é a expressão mais contundente do processo da humanidade sob a égide das relações desencadeadas pela formação econômica e social capitalista. (CARLOS, 1999, p.26)

Santa Cruz do Capibaribe tornou-se cidade, mas o período eleitoral já havia passado, então, para prefeito interino do município, o governador do Estado, Etelvino Lins (promotor público e político chegando a governador do Estado de Pernambuco: 1952 à 1955), nomeou

para dirigir o município, o paraibano Teófanés Ferraz Torres (Tenente, Oficial da Polícia Militar de Pernambuco).

Chegando o período das eleições, a disputa para prefeito ficou entre Torres, que tinha renunciado o cargo de prefeito para disputar as eleições, e o proclamado “herói”, devido a sua luta pela emancipação de Santa Cruz do Capibaribe, Raimundo Francelino Aragão eleito prefeito do novo município.

Santa Cruz do Capibaribe precisava ganhar ares de cidade, pois a mesma já contava com um comércio que se consolidava, era necessária uma modernização no jovem município. Foi aí que surgiu Raimundo Aragão, um dos principais mitos consolidados na oralidade e na historiografia oficial do município, pois como aponta Mestre às representações sociais elegem o que se irá amar, ter medo ou odiar (Ed n. 4, 2004). Em qualquer cultura há símbolos que falam, pois como defende Chartier (1991), a representação permite ver a ausência e ao mesmo tempo é a apresentação de uma presença.

O governo de Aragão coincidiu, no âmbito nacional, com o governo de outro mito, o do presidente Juscelino Kubitschek (Presidente da República de 1956 à 1960), marcado pelo discurso desenvolvimentista: a necessidade do Brasil crescer 50 anos em 5, por meio de obras estruturadoras, a exemplo da construção de vários quilômetros de rodovias e da cidade de Brasília.

Nesse período a cidade de Santa Cruz do Capibaribe passou por diversas estruturações no seu espaço urbano, entre a segunda metade da década de 50 até fins da década de 60, durante os dois mandatos de Raimundo Aragão (1955/1959 e 1963/1968). Segundo Carlos (1999), é com a necessidade do homem produzir as condições materiais de sua existência, como a sua constante possibilidades de conceber mudanças.

No primeiro mandato de Raimundo Aragão, na égide dos discursos desenvolvimentistas da segunda metade da década de 50 do século XX, Santa Cruz do Capibaribe, produziu as condições materiais para sua existência, e para isso foi necessário enriquecer a área urbana. Com isso, a prefeitura comprou 162 hectares de terras para ampliação da cidade que estava nas mãos dos principais fazendeiros, essas terras hoje compreende ao centro da cidade e alguns bairros comerciais (Lisboa, 1993).

É perceptível que a educação foi uma das principais preocupações do primeiro governo do município, foram construídas sete escolas na cidade e na zona rural; o prédio da coletoria estadual; a ampliação do açougue público e o calçamento das principais ruas.

Na década de 60, graças ao crescimento e projeção do comércio da sulanca, “muitos rapazes e famílias inteiras que foram obrigados a emigrar de Santa Cruz para Recife, Rio de

Janeiro, São Paulo e outras cidades, tomando conhecimento do surto do crescimento do comércio de retalho na terra natal voltaram.” (ARAÚJO, 2008).

Com a volta das famílias que migraram e a vinda de outras pessoas para a cidade que tomaram conhecimento do desenvolvimento econômico da mesma, houve um grande aumento populacional na jovem município, passando de 3.250 habitantes em 1953, década de sua emancipação política, para 9.302 habitantes em 1965, ou seja, a população quase triplicou, de acordo com dados retirados do Anuário Estatístico de Pernambuco (FIDEPE. Recife, 1980 e 1992.).

Com o aumento vertiginoso da população, graças principalmente a sua economia, surgiram novos anseios da sociedade, o que ocasionou novas modificações no espaço urbano da cidade.

O desenvolvimento das forças produtivas produz mudanças constantes e com estas, a modificação do espaço urbano estas mudanças hoje são cada vez mais rápidas e profundas, gerando novas formas e configurações espaciais, novo ritmo de vida. (CARLOS, 1999, p.69)

No segundo mandato de Raimundo Aragão de 1963 a 1968, foi inaugurada a agência de estatística; melhoramento nas estradas municipais na cidade; instalou linhas telefônicas; construção o açude da Manhosa, da Pedra Negra e do Machado; a vinda da energia elétrica pela CHESF (Companhia Hidroelétrica do São Francisco); no planejamento urbano: construção de vila popular com 50 casas; distribuição de lotes terras numa área de 162 hectares; alargamento das ruas com calçadas; todas essas obras foram realizadas visando suprir as necessidades da cidade impulsionando o progresso.

Com esse progresso Santa Cruz recebeu uma agência do Banco do Brasil, nessa época só havia agência do Banco do Brasil no município de Caruaru, a 60 km de Santa Cruz, que não atendia satisfatoriamente às demandas de créditos que lhe são apresentadas, em face do grande número de municípios a que dava assistência (Lisboa, 1993). Santa Cruz do Capibaribe desenvolveu sua economia em detrimento de sua estrutura urbana. Com o “crescimento” da cidade, devido a sua economia, também cresceram os problemas da mesma. O que veremos a seguir.

Com base em uma visão de fora para dentro, fala-se que Santa Cruz cresceu muito ao longo das últimas décadas do século XX. Contudo, se analisarmos esse aparente crescimento, veremos que na verdade se trata de um inchaço. A palavra crescimento só deveria ser usada, neste caso, se houvesse uma significativa melhoria da qualidade de vida da população e infraestrutura da cidade. (PEREIRA, 2004, p.128)

Como abordamos anteriormente o ciclo da sulanca em Santa Cruz do Capibaribe teve seu início em fins da década de 40, quando as peças eram comercializadas em meio à tradicional feira livre da cidade nas segundas-feiras, onde eram comercializados os mais diversos produtos.

Com o crescimento vertiginoso do comércio da sulanca, em meados da década de 70, com a participação principalmente das mulheres que confeccionava a sulanca, as mesmas iniciaram uma feira específica para o tipo de mercadoria. A Feira da Sulanca de Santa Cruz do Capibaribe teve seu início de forma rústica, com as mercadorias sendo comercializados pelo chão sobre as cobertas confeccionadas pelas próprias sulanqueiras (FEITOSA 2007), conforme observamos a figura a seguir:



Foto 05: Venda dos primeiros produtos da Sulanca – Década de 70

A imagem acima mostra um dos primeiros produtos comercializados em Santa Cruz do Capibaribe. O neologismo do termo Sulanca, é a junção da palavra Sul mais Helanca – Da região Sul onde vinham os retalhos de Helanca, matéria prima para confecção da colcha de retalho.

Com o crescimento das vendas e diversificação dos produtos com a helanca, alavanca o desenvolvimento da denominada “feira da sulanca”, principalmente pela divulgação boca-a-boca dos comerciantes santacruzenses, que viajavam estado a fora, ultrapassando as fronteiras, para vender as suas mercadorias a baixo custo, onde passavam dias, semanas e até vários meses nessas viagens distantes da família e amigos. Essa eficiente divulgação da sulanca atraiu diversos clientes de outras cidades e Estados para o município, muito comerciantes preferiam negociar diretamente na fonte.

A vinda desses clientes aquecia cada vez mais a economia da pequena Santa Cruz fazendo com que alguns santacruzenses que saíram do município em direção a Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades do país em busca de melhores condições financeiras, ao verem o desenvolvimento da sulanca, retornaram para Santa Cruz, impulsionados pelo novo sonho de progresso financeiro que era a feira da sulanca. Fazendo, assim, o caminho inverso, agora estavam de volta a sua terra e para suas famílias.

Esses fatores fizeram com que acontecesse um “estouro” na economia, sendo necessária uma organização estrutural na feira da sulanca e no município para proporcionar maior comodidade aos feirantes e aos clientes, nessa perspectiva o prefeito da época, Augustinho Rufino de Melo (1982 a 1988), sua primeira ação foi modernizar a feira através da padronização de bancas de madeiras retirando os produtos antes expostos no chão.

A modernização da feira caminhava em passos largos, em entrevista concedida para o documentário “Sulanca”, Melo fala sobre as bancas espalhadas pelo centro da cidade, “temos hoje entre 3.200 a 3.500 bancas espalhadas pelo centro da cidade e não dá para termos uma previsão, pois a cada feira aumenta o número de bancas.”

A solução encontrada pelo prefeito resolveu o problema do período, mas o crescimento vertiginoso da economia, e como observamos na fala de Melo a falta de controle sobre o crescimento estrutural da feira, alavancando problemas sociais, ambientais e culturais para futuros da cidade. Nesse período o rio Capibaribe foi um dos que mais sentiu este crescimento sem o acompanhamento adequado da infra-estrutura do município, tendo a rede de esgoto desaguando no mesmo.

Na década de 80 a sulanca se industrializou. Tal evolução foi possível graças aos investimentos do Banco do Brasil, com um programa de financiamento para a compra de máquinas industriais. Antes eram utilizadas na produção as antigas máquinas de pedal, mas com os novos incentivos os pequenos produtores puderam desenvolver seus fabricos, os quais posteriormente se tornariam em verdadeiras indústrias de confecção. Esse incentivo do Banco do Brasil fez com que os produtores pudessem aumentar em grande escala a produção da sulanca de Santa Cruz do Capibaribe.

Com todas essas vantagens ocasionadas pela economia santacruzense, o município crescia de forma assustadora, a sua população dos 3.250 habitantes da década de 50, período de sua emancipação política, fechava a década de 80 com 38.332 habitantes (dados divulgados pelo IBGE em 1991).

O crescimento e as vantagens econômicas eram tamanhos que a economia sempre esteve como principal bandeira nas campanhas políticas deixando sempre de lado a infra-

estrutura da cidade, tanto que, durante os primeiros anos da década de 90, mais precisamente no governo do presidente Fernando Collor de Melo, Santa Cruz sofreu uma significativa queda em sua produção. Collor tinha em seu programa de governo de caráter neoliberal, com incentivos e abertura das importações livres de taxaões. Em consequência dessa abertura, diversos produtos, inclusive de confecção, foram sendo importados e penetraram na economia santa-cruzense. Mercadorias importadas da China foram se tornando produtos fáceis de encontrar, concorrendo diretamente com os produtos de Santa Cruz.

A preocupação com as consequências do plano Collor e com a concorrência de outros pólos que começavam a surgir, viraram temas musicais de artistas da terra, a exemplo do cantor, compositor e político, José Augusto Maia, que em seu álbum “Canta seu povo e sua história” de 1991, retrata essa preocupação na música Apelo ao Governador:

Governador, governador
Ajude a gente
Pois nossa sulanca
Se não cuidar
Vai ser coisa que passou (...)
(Apelo ao Governador, José Augusto Maia, 1991)

A preocupação citada no parágrafo anterior virou palco dos principais discursos políticos e nos jingles da campanha eleitoral. Nas eleições municipais de 1992, o grupo de oposição no período lançou sua chapa encabeçada por Raimundo Francelino Aragão Filho, tendo como vice José Augusto Maia. São notórios os discursos da oposição falando em organização da feira para que a mesma proporcione mais comodidade aos clientes, tornando-a mais competitiva.

É triste ver nossa feira
Sumindo feito poeira
De um lugar que ã é seu
Abandonada feito um menino
Sabe Deus o seu destino
quem devia cuidar esqueceu
(A Feira, José Augusto Maia, 1992)

Os discursos da oposição falando em organização da feira para proporcionar mais comodidade aos clientes, tornando-a mais competitiva. Levou Raimundo Francelino Aragão Filho e seu grupo político vencer as eleições após 24 anos. Nesse período houve uma melhor organização da feira, alinhamento das bancas, colocação de banheiros públicos..., contudo, insignificante para uma feira que continuava a crescer de forma desordenada.

Em recente entrevista concedida no ano de 2009, o ex-prefeito Aragão Filho apontou que talvez o maior pecado político do mesmo fosse estruturar a cidade na questão de saneamento básico.

Estruturei a cidade com saneamento básico, sendo importante frisar o qual importante é o mesmo para infra-estrutura da cidade além de ser importante para saúde da população, contudo saneamento fica embaixo da terra com o tempo o povo não ver e esquece (Radio Comunidade FM, 2009)

O desabafo do ex-prefeito, dar-se, principalmente, por seu governo ser taxado como o mais desastroso da história do município, a prioridade do desenvolvimento econômico é tamanha que o problema do abastecimento de água só foi discutido em fins da década 90 atrelado a economia.

O crescimento populacional de Santa Cruz do Capibaribe nas últimas décadas do século XX foi acima da média de Pernambuco e do Brasil. O município apresentava 38.332 habitantes de 1991 e 59.048 habitantes em 2000. A infraestrutura de abastecimento de água não acompanhou o crescimento populacional, um fato que pode comprovar essa falta de infraestrutura é que a última barragem de abastecimento da cidade tinha sido construída em fins da década de 60.

A partir da década de 80, nos dias de feira a cidade de Santa Cruz assistia um crescimento na “população flutuante” de clientes e confeccionistas que vinham de outros municípios para comercializar na cidade. Com o aumento da demanda nas vendas na década de 90, começaram a surgir as grandes empresas, a exemplo da Rota do Mar, convivendo com as pequenas fábricas informais - fabricos - que produzem dentro das casas de famílias desde o início da sulanca.

Com todo esse desenvolvimento era imprescindível um projeto de abastecimento de água para a cidade. Durante a campanha eleitoral de 1998, o então candidato a deputado estadual José Augusto Maia, num jogo político, toma para si o projeto da construção da adutora na barragem de Tabocas, como bandeira para sua campanha. Mesmo o candidato a deputado estadual José Augusto Maia, saindo derrotado das eleições, o seu aliado político o Governador Miguel Arraes, concretizou a obra. O projeto rendeu o título de pai da obra a Maia e o batizado de seu grupo político de “Taboquinhas”. Posteriormente nas eleições de 2000, Maia é eleito prefeito do município. Com o seguinte jingle:

O eleitor está mudando
Bebeu água de taboca
Quem votar em Zé Augusto
A vitória será nossa
Ta, ta, ta, taboquinha
(jingle político de 2000, autoria de José Augusto Maia)

O projeto de estruturação da feira não saía do pensamento da população muito menos dos políticos, entra em cena um projeto fãustico e ambicioso: Moda Center Santa Cruz. Poucos meses depois de assumir o cargo em 2001, o prefeito José Augusto Maia, em suas entrevistas em rádios e jornais declarou que o local da feira de confecções não era mais viável, pois aquela pequena feira que surgiu em uma rua da cidade de acordos com dados da prefeitura já contava com mais de 12.000 bancos de feira que estavam espalhados nas ruas de três bairros: Centro, São Cristovão e Bairro Novo, de domingo a quarta-feira. As declarações do prefeito trouxe à tona a discussão do projeto de um “parque de feiras”, que seria elaborado e implantado pelo governo municipal em parceria com os confeccionistas a população da cidade.



Foto 06: Antiga feira da Sulanca: Avenida Raimundo Francelino Aragão - 2001

Para que a feira funcionasse as bancas teriam que ser colocadas um dia antes e retiradas no fim do último dia de feira. Podemos observar na imagem acima que as ruas ficavam ocupadas no mínimo durante quatro dias comprometendo o trânsito por conta das diversas ruas fechadas da cidade.

Ainda podemos enumerar os diversos problemas ocasionados pela feira nas ruas da cidade, dentre eles, os riscos do qual a população passavam constantemente, por exemplo, na cidade em meados da primeira década do século XXI não existia um corpo de bombeiro, os

mais próximo se encontrava na cidade de Caruaru a 60 km do município, a iluminação noturna era através de imensas gambiarras onde as fiações passavam entre as bancas com as mercadorias, um incêndio colocava em risco a população e toda a economia da cidade; assaltos nas ruas em dia de feira que se tornavam verdadeiros labirintos; falta de atendimento médico; dificuldade para a locomoção de uma ambulância; as questões higiênicas e estéticas comprometia a vida da sociedade, ao final da feira os três bairros estavam tomados de lixo deixados nas ruas.



Foto 07: Ruas de Santa Cruz do Capibaribe-PE após a feira da sulanca - 2004

As várias carroças de burro era o transporte que carregava e descarregava as mais de 12 mil bancas o que para muitos era outro fator que prejudicava a estética da cidade, afinal eram dezenas de animais de cargas, duas vezes na semana, entrando e saindo da cidade, infectando-a com suas fezes, atrapalhando o trânsito, danificando praças etc.

No segundo semestre de 2001 o prefeito elaborou o projeto de lei que autorizava o poder executivo a comprar o terreno para construção do parque e em seguida contratou a construtora. Depois de resolvido os impasses, a obra iniciou a todo vapor. Sendo o Moda Center inaugurado em 2006.

A feira da sulanca de Santa Cruz do Capibaribe, realizada nas ruas centrais da cidade, foi transferida para o parque de feiras, no dia 07 de outubro de 2006, data da inauguração. O mesmo é composto de uma área coberta administrada pelo condomínio contando com 9.624 boxes, 707 lojas, 6 praças de alimentação, em uma área coberta de 120.000 m² além de amplo estacionamento e 20 hotéis.



Foto 08: Moda Center Santa Cruz - 2008

Observaremos que o mesmo surgiu cingido pelos louros da vitória, uma vez que, discursivamente, foi imposto como um projeto salvador para economia do município, que via as cidades vizinhas também discutindo projetos semelhantes para concorrer com a economia de Santa Cruz, e ainda seria capaz de proporcionar embelezamento para a cidade, se trataria, pois, de um projeto amplo, essencialmente modernizante.

Os governantes de Santa Cruz do Capibaribe-PE para atrair clientes e profissionais concedeu os privilégios necessários tendo no Moda Center o símbolo do desenvolvimento Econômico do município.

A construção do mesmo contribuiu de certa forma para os aspectos sanitários e alguns pontos de embelezamento da cidade, por exemplo, hoje é raro ver uma carroça de burro no centro da cidade, as ruas limpas deixaram de ser um verdadeiro lixão. Contudo, o desenvolvimento econômico do Município se deu aparte do desenvolvimento urbano.

Não podemos negar a importância da confecção, através da feira da sulanca, como à principal responsável para formação e desenvolvimento da cidade de Santa Cruz do Capibaribe. É inegável o crescimento demográfico da cidade ao compararmos a partir de fins da década de 40, início do denominado “ciclo da sulanca”.

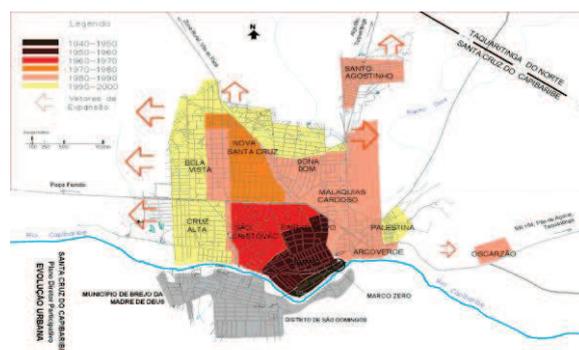


Figura 01: Bairros que surgiram após a emancipação

Como a imagem ilustra, podemos observar que Santa Cruz cresceu muito demograficamente, mas concordamos com Pereira (2004) onde na verdade em detrimento do desenvolvimento econômico o município não teve um desenvolvimento urbano.

Não se pode, portanto, confundir crescimento ordenado, que poderia ser considerado sinônimo de desenvolvimento na essência da palavra, com inchaço desordenado que infelizmente vem acontecendo no município da segunda metade da década de 80 em diante. (PEREIRA, 2004)

A partir desse período os governantes do município tomaram medidas para situações imediatas, sem planejamento. Entendemos, assim como Pereira, para que uma cidade do mundo moderno use seu crescimento demográfico e estrutural como sinônimo de desenvolvimento, deve ser guiada por um plano diretor, ou seja, um projeto para planejar e ordenar a urbanização. No entanto, este só foi planejado e aprovado em 2007, aproximadamente um ano após a construção do parque de feiras.

A cidade mostra-se incapaz de acompanhar o crescimento econômico, devido principalmente a ingerência política dos governantes das últimas três décadas. A cidade cresce desordenadamente graças ao atrativo econômico, para se ter uma idéia segundo dados do IBGE no ano da inauguração do Moda Center a população era de 74.359 habitantes, número esse que passou 87.582 em 2011, ou seja, um aumento de mais de 15% em 4 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa feita para realização deste trabalho intitulado “FIOS, NÓS, REDES E MALHAS: A FEIRA DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE” foi possível compreender a importância da “feira da sulanca” para o desenvolvimento econômico e urbano da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, dentro de uma perspectiva da Nova História. Queremos deixar a ressalva que o presente trabalho ainda encontra-se em fase de desenvolvimento, abrindo um leque de possibilidades de pesquisa referente ao tema proposto.

Como apontamos no decorrer da pesquisa com o crescimento e desenvolvimento da economia, de Santa Cruz foi a principal responsável pelo crescimento vertiginoso da população, que por sua vez ocasionou o crescimento demográfico da cidade, levando conseqüentemente ao crescimento dos problemas no município, como abastecimento de água tendo em vista que após a adutora de Tabocas em 1998, a cidade cresceu aproximadamente 55%. A falta de água foi um empecilho para instalação de novas indústrias no município.

Faltam áreas verdes em locais estratégicos nos novos bairros, para construção das áreas de lazer, assim como creches, unidades de saúde..., é uma consequência do crescimento populacional desordenado em várias dessas áreas que foram ocupadas e posteriormente doadas, comprometendo a urbanização e a pavimentação das ruas e bairro que se formam constantemente no município. Os novos bairros não são organizados, diferentemente dos que apontamos nas duas gestões de Raimundo Aragão, onde as estruturas dos mesmos contavam com ruas e calçadas largas.

Apresentando taxa de desemprego relativamente baixa, dados confirmados oficialmente pelo Estudo de Caracterização do Pólo de Confeções do Agreste Pernambucano, a população apresenta um elevado poder aquisitivo, graças a ofertas de emprego e renda.

O auto poder aquisitivo da população, atrelado a não oferta do transporte publico municipal, levam as pessoas a aquisição de transportes, para se ter uma idéia, em recente entrevista o diretor do CIRETRAN (Circunscrição Regional de Trânsito) de Santa Cruz do Capibaribe, Tallys Maia abordou que o município tem uma grande frota de veículos, onde só o número de motocicleta coloca a cidade como a quinta maior frota, deste tipo de transporte, no estado de Pernambuco, não é difícil imaginar que o trânsito da cidade é caótico, principalmente em dias de feiras, ainda temos que destacar que não há uma sinalização de trânsito adequada no município.

Contudo, acreditamos que apesar do desenvolvimento econômico da confecção e da feira de Santa Cruz do Capibaribe-PE ser o fator responsável para o crescimento demográfico, dentro do contexto abordado até então, observamos que o desenvolvimento urbano do município não acompanhou o econômico. Analisando Le Goff (1998), acreditamos que as cidades devem inovar em todas as áreas, devem aspirar à beleza, reinventar o urbanismo e criando assim o imaginário urbano.

Portanto, Santa Cruz até então só concedeu privilégios desenvolvendo o comércio, atraindo clientes e profissionais, mas não realizou as obras necessárias da infraestrutura da cidade e pouco foi feito para melhoria na qualidade da vida de sua população. O governante que almeja ter um bom governo deve intervir através de regulamentações necessárias para estabelecer metas, no intuito de cuidar não apenas da comodidade e bem-estar da sociedade, mas também da beleza da cidade, onde a estética, a ordem, a segurança são fatores fundamentais para progredir o urbanismo.

ABSTRACT

This work aims to study the garment fair - "Sulanca" - Santa Cruz do Capibaribe - PE, and its importance to the city's economic development, noting also the urban aesthetics of the city. This work is inserted in the line of research of Cultural History, by being one of the fair exchange elements and relations of sociability from antiquity to the present day. In the methodology used oral sources, the concern of giving visibility to individuals who previously had no voice, and that has long been marginalized by history, based on the concepts of CHARTIER and BURKE, in their theses representations and LE GOFF, which in his view the city emerged as an area of greed, taking as an ideal location, beautiful and rich. Apart from oral sources used other sources: literature, visual and official documents that address the topic, helping with our theme.

KEYWORDS: City. Fair. "Sulanca". Development.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maristela oliveira de. *Cultura e tradição nordestina*: ensaios de história cultural e intelectual. João Pessoa: Fundação João Fernandes da Cunha, 2000.
- ARAÚJO, Júlio Ferreira de. *História de Santa Cruz do Capibaribe*. 2. ed. Surubim-PE: Agreste, 2008.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 3 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2007.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989)*: a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- CARLOS, Ana Fani. *A Cidade*. São Paulo: Contexto, 1999.
- CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. In: Estudos avançados, vol.5 n°. 11. São Paulo, Jan./Abr. 1991.
- DINIZ, Lincoln da Silva. *As bodegas da cidade de Campina Grande*: dinâmicas sócio-espaciais do pequeno comércio. Campina Grande: EDUFCEG, 2011.
- FEITOSA, Manuela de Farias. *COSTURANDO SEU DESTINO: A EMANCIPAÇÃO DA MULHER ATRAVÉS DO TRABALHO NA CONFECÇÃO NA CIDADE DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE*. Campina Grande, 2007. Originalmente apresentada como monografia de graduação, Universidade Estadual da Paraíba.
- FOUCAULT, Michel. *Estética*: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *História*: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *História*: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *História*: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor as cidades*: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP, 1998.
- LISBOA, Lindolfo Pereira de. *Raimundo Aragão sua vida, suas obras*. Recife: M. Regina, 1993.
- PEREIRA, Bruno Bezerra de Souza. *Caminhos do desenvolvimento*: uma história de sucesso e empreendedorismo em Santa Cruz do Capibaribe. São Paulo: EI – Edições Inteligentes, 2004.
- REIS, José Carlos. *A História*: entre a Filosofia e a Ciência. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SILVA, Marcondes Moreno. Edição Especial de 50 anos de Santa Cruz do Capibaribe. *Jornal Página Livre*. Santa Cruz do Capibaribe. Edição nº 4. 2003.

SULANCA: A evolução econômica das mulheres de Santa Cruz do Capibaribe. Direção de Kátia Mesel. ARRECIFE - Produções Cinematográficas, 1986.

NOSSA HISTÓRIA. José Augusto Maia e Banda Cor do Forró. **Canta seu povo e sua história**. Faixa 12, CD-ROM.

APELO AO GOVERNADOR. José Augusto Maia e Banda Cor do Forró. **Canta seu povo e sua história**. Faixa 12, CD-ROM.

A FEIRA. José Augusto Maia e Banda Cor do Forró. **Canta seu povo e sua história**. Faixa 12, CD-ROM.

APELO AO GOVERNADOR. José Augusto Maia e Banda Cor do Forró. **Canta seu povo e sua história**. Faixa 12, CD-ROM.